

### **A EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA: FIRMADOS NO PASSADO, INSPIRADOS NO FUTURO, ENSINANDO NO PRESENTE**

#### **EDUCATION IN PERSPECTIVE: AFFIRMED IN THE PAST, INSPIRATION FOR THE FUTURE, TEACHING IN THE PRESENT**

*Madalena de Oliveira Molochenco<sup>1</sup>*

#### RESUMO

A área da Educação tem sido alvo de muitas pesquisas no âmbito das Universidades. Em menor medida ou, em quase nada, percebe-se pesquisas na área da Educação Cristã. Entretanto, a Educação Cristã é algo presente na grande maioria das igrejas, principalmente as chamadas igrejas históricas, vindo a ser estudada no campo da Teologia prática em boa parte de Seminários e Faculdades de Teologia. O presente texto foi apresentado em um encontro de educadores cristãos na cidade do Rio de Janeiro no ano de 2013. O tema aborda a Educação cristã numa perspectiva temporal: passado, presente e futuro. O passado nos remete às gerações que como construtores firmaram e formaram identidades; Ecléia Bosi (2003) nos serve como referência ao estudo do passado. Zygmunt Bauman (2001), com sua linguagem líquida, presentifica o momento atual e nos deixa caminhos “abertos” para o futuro com sugestões aos educadores. Os autores vêm ao encontro de reflexões sobre a Educação como um todo e em especial a Educação Cristã.

**Palavras-chaves:** Educação. Transformação. Transformadora.

---

<sup>1</sup>Bacharel em Teologia e Licenciatura plena em Pedagogia. Pós-graduada em Magistério do Ensino superior, Psicopedagogia e Formação de professores para o Ensino religioso escolar. Mestre em Distúrbios do desenvolvimento e Doutora em Educação. Professora e Coordenadora Acadêmica da Faculdade Teológica Batista de São Paulo: E-mail: [cademica@teologica.br](mailto:cademica@teologica.br)

## ABSTRACT

The field of education has been the subject of much research among universities. Christian education has had much less attention to almost none. Christian education, however, is present in most churches, especially the so-called historical churches, and has been studied in the field of Practical Theology, largely in Seminaries and Bible colleges. This paper was presented at a meeting of Christian Educators in the city of Rio de Janeiro in 2013. The theme addresses Christian Education in a temporal perspective: past, present and future. Looking to the past allows generations to understand how founders affirmed education and founded identities. Ecléia Bosi (2003) serves as a reference for the study of the past. Zygmunt Bauman (2001) with his 'net' language makes present the current moment and leave 'open' ways forward with suggestions for educators. These two authors give reflections on education as a whole and in particular to Christian Education.

**Keywords:** Education. Transformation. Transforming.

## INTRODUÇÃO

A palavra “perspectiva” tem diversos sentidos. Quando fui ao dicionário buscar o que significava “perspectiva” deparei-me com diversas acepções dessa palavra. Selecionei a que diz respeito à geometria em especial, a geometria projetiva. Penso que todos aprenderam algo desses conteúdos ao cursarem o ensino médio. A geometria projetiva apresenta métodos que buscam representar os objetos em seus tamanhos e posições “corretos”, tal qual a visão humana os compreende, a partir de um observador.

Assim, falar de educação em perspectiva significa poder enxergar a educação a partir do ponto do observador considerando o que já foi feito, o que se tem na atualidade e o que se poderá conquistar, qual seja: passado, presente e futuro.

## 1. COMECAMOS COM O PASSADO

Estudar o passado é muito interessante. A história narra os acontecimentos passados e uma de suas tarefas é saber como os fatos sucederam, como as regras eram cumpridas e como as pessoas se expressavam. Entretanto, “a história que se apoia unicamente em documentos oficiais não pode dar conta das paixões

individuais que se escondem atrás dos episódios”, diz Ecléia Bosi.<sup>2</sup> A história por si só não consegue descrever tudo o que se passou num evento e por isso é importante estudar o tema da memória. E, ao estudar o tema da memória, encontro em Ecléia Bosi alguns fundamentos sobre a importância do estudo sobre o passado.

Desde o início do século XX, o campo de estudos da História deixa de relatar a simples descrição de fatos decorridos e passa a perceber que por detrás de tais fatos havia outra percepção, a percepção dos personagens envolvidos. Havia uma determinada leitura das emoções, dos sentimentos e das percepções que não estavam descritas pela História. A Escola dos Annales é uma precursora em escritos históricos que levam em conta as narrativas das pessoas que viveram eventos passados. A importância dos estudos sobre a memória é pelo fato de que fazem uma ponte entre os acontecimentos, na perspectiva dos que a viveram, e pode vir a ser um mediador entre a “nossa geração e as testemunhas do passado”.<sup>3</sup>

Um campo de estudos dedicado a descrever o passado nessa visão é a História oral. A História oral busca desvendar o passado com relatos dos antigos por meio de entrevistas em que se descreve como eles viveram os fatos ocorridos, como eles interpretaram as falas, os comandos, os fatos em si. Nesse tipo de entrevista é preciso que o entrevistador esteja atento aos subentendidos, às palavras gaguejadas, os olhares, os sorrisos, as expressões faciais, enfim, ao que os entrevistados expressam.<sup>4</sup>

A realidade que vivemos em muitos de nossos cursos de Teologia é que nos dedicamos tanto às pesquisas bibliográficas que nos esquecemos de tentar desvendar os fenômenos presentes no dia a dia das igrejas. Por exemplo: no registro de uma ATA ficam suprimidas as omissões, os desentendimentos, as palavras gaguejadas, os olhares, os sorrisos falsos, as risadas nervosas. Nossas igrejas poderiam aproveitar-se dos recursos da História oral na escrita de sua história e como diz Ecléia Bosi: “a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado”.<sup>5</sup>

O mundo pós-moderno vive muito e intensamente o presente - falarei disso mais tarde. Vivemos cada vez mais o distanciamento do passado. Quando se estuda o passado é importante estar atento tanto aos fatos lembrados quanto

<sup>2</sup>BOSI, Ecléia. *O tempo vivo da memória*. Cotia: Ateliê, 2003. p. 15.

<sup>3</sup>BOSI, 2003, p. 15.

<sup>4</sup>BOSI, 2003, p. 17.

<sup>5</sup>BOSI, 2003, p. 15.

aos esquecidos, ou seja, aqueles fatos que ninguém quer falar sobre, mas que constituem importante elemento para a formação do presente. Por sua vez, “o presente, entregue às incertezas e voltado apenas para o futuro imediato, seria uma prisão”.<sup>6</sup> É como olhar-se no espelho e estar preso a ele sem poder sair.

Outra excelente afirmativa de Bosi é a seguinte: “Do vínculo com o passado se extrai força para formação da identidade”.<sup>7</sup> Qual a importância de se colher informações do passado? O passado mostra as raízes, mostra de onde viemos e é fator constituinte de nossa identidade social. Nos dizeres de Bosi: “Podemos colher enorme quantidade de informações factuais, mas o que importa é delas fazer emergir uma visão de mundo”.<sup>8</sup> A visão que temos hoje da Educação cristã está calcada no passado, pois é ela que nos identifica no presente. Nós nos apresentamos dessa ou daquela forma porque somos identificados como tal.

As afirmativas sobre o passado nos remetem a questões do tipo: De onde viemos? Quais são nossas raízes? “O ser humano tem uma raiz por sua participação ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”.<sup>9</sup> A isso se dá o nome de enraizamento. Para os cristãos e para os educadores cristãos, nossas raízes estão na história da Igreja na Bíblia, na Palavra de Deus e nos testemunhos vividos pelos nossos pais e avós.

O contrário de enraizamento é o desenraizamento que é, segundo Bosi, condição desagregadora da memória e uma perigosa doença que atinge a cultura.<sup>10</sup> Encontramos na história muitos exemplos disso e a autora trata o nazismo de Hitler, em um de seus aspectos, como um movimento de desenraizamento do povo alemão. A Bíblia nos traz também exemplos de desenraizamento na história dos hebreus. O rei da Assíria, Senaqueribe, levando o povo de Israel cativo, os espalhou entre outros povos com a finalidade de que se misturassem, fazendo casamentos com povos pagãos e vivendo outras culturas religiosas, para que assim esquecessem seu Deus. O rei Senaqueribe teve como finalidade destruir a participação ativa e natural na existência dessa coletividade - o povo de Israel - tentando destruir seu maior tesouro do passado, a crença no Deus único, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, crença essa que lhe fazia enxergar o futuro na terra tão prometida.

<sup>6</sup>BOSI, 2003, p. 19.

<sup>7</sup>BOSI, 2003, p. 16.

<sup>8</sup>BOSI, 2003, p. 16.

<sup>9</sup>BOSI, 2003, p. 175.

<sup>10</sup>BOSI, 2003, p. 175.

Há outras formas de desenraizamento na cultura hoje e é preciso muito cuidado para não perder as raízes, assumindo aos poucos um desenraizamento.

Entendo que, para a Educação cristã, voltar-se para o passado significa encontrar raízes sólidas na Palavra de Deus, em exemplos a serem seguidos, e enxergando novos tempos para o futuro.

## 2. O TEMPO PRESENTE

O mundo hoje chamado de pós-moderno apresenta a facilidade de acesso às informações fazendo com que a geração presente seja chamada de a “geração da informação”. Trago para nossa discussão os termos utilizados por Zygmunt Bauman, um sociólogo do século XX: “Líquido” e “Mundo Líquido”. Bauman escreveu diversas obras em torno do significado da sociedade atual comparando-a ao que é líquido, fluido e que toma diversas formas.

No prefácio da obra *Modernidade líquida*, Bauman (2001) traz da Enciclopédia Britânica a definição de líquidos como o que não suporta “uma força tangencial” e sofre uma “constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão”. Desta forma, os líquidos adquirem formas variadas e preenchem os espaços ocupados; os sólidos, por sua vez, mantêm as formas por longo tempo. Os líquidos mudam de forma constantemente e ficam pouco tempo numa mesma forma, significando que o tempo (e não a forma) é relevante. Os sólidos, por sua vez, resistem ao impacto “e, portanto, diminuem a significação do tempo”.<sup>11</sup>

Bauman utiliza dois termos para caracterizar seu pensamento sobre o tempo presente e o tempo passado: solidez e fluidez. Por tempo sólido ele entende o tempo passado, com padrões de conduta definidos, simbolizando que o trabalho trazia segurança para o futuro, construindo estabilidade. Para o trabalhador, a fábrica ou a repartição pública significavam estabilidade, mudanças não eram bem-vindas, a “ordem” deveria ser seguida. Por ordem o autor identifica que se trata também de um dispositivo do passado, pois representava um roteiro de vida a ser seguido pelas gerações futuras. A contraposição disso é o líquido que representa o tempo presente. Essa transição entre o “reino da ordem, da solidez, para o universo cambiável, errático, episódico e incerto, do jogo da fluidez” é característica do período chamado de fase mosaica em que Bauman analisa o tempo passado (o tempo da ordem, do sólido) para o tempo presente (o tempo da efemeridade, do líquido).

<sup>11</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 8.

No passado o trabalho representava a dignidade humana, diante do qual as pessoas justificavam seu viver. A ética do trabalho, no tempo presente, inverte o valor do trabalho e o apresenta voltado para o consumo, para o prazer de consumir. “Para as pessoas do mundo moderno-líquido o que importa é o que se pode fazer, não o que deve ser feito ou o que foi feito”.<sup>12</sup> Tal liquidez afeta as relações gerando, além de insegurança, superficialidade e precariedade. “Em Medo líquido (2008) Bauman se utiliza do exemplo do Big Brother para retratar essa produção de efemeridade. Para o autor, as amizades descartáveis presentes nesse ‘reality show’ exemplificam e reforçam um modelo de ação em tempos líquidos”.<sup>13</sup>

### 3. BAUMAN E A EDUCAÇÃO

Para Bauman, no estabelecimento da modernidade, a escola foi fundamental para a concretização do chamado por ele império da ordem. Os professores seriam os únicos a poder formatar as pessoas “incultas” e “vulgares” para uma vida “correta” e “moral”. A figura do professor foi interpretada por ele como os “guardiões da razão, das maneiras e do bom gosto”.<sup>14</sup> A escola, por sua vez, proporcionava a formação de reprodutores do estado e que entre os seus objetivos ensinava que é preciso obedecer, seguir ordens dos superiores. Critica o autor que tal objetividade mais procurava adestrar, criar rotinas, formatar padrões de disciplina do que transmitir conhecimentos. Outro ponto importante neste momento é a exclusão dos mais fracos, de categorias de pessoas que não poderiam atingir os objetivos propostos, como os doentes mentais, negros, homossexuais, etc. Bauman afirma que esta escola controladora do passado não tem mais espaço no presente líquido.

A escola de hoje deveria procurar a promoção da liberdade, da diferença e da solidariedade. Entretanto, esta nova forma de se pensar educação tem também suas dificuldades. A sociedade de consumo chama para si consumidores; quem não aceita tal condição pode ser considerado como falho ou como aquele que não consegue “entrar” na massa; o sujeito pode perder sua “particularidade como condição humana” porque os olhos estão voltados para o que “beneficia o mercado”. Uma das consequências de tais atos é a indiferença perante o diálogo, que resulta em esvaziamento.<sup>15</sup>

<sup>12</sup> ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. **Bauman e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

<sup>13</sup> ALMEIDA et al., 2009, p. 41.

<sup>14</sup> ALMEIDA et al., 2009, p. 48.

<sup>15</sup> ALMEIDA et al., 2009, p. 51.

Entretanto, o maior discurso de Bauman em relação à educação se concentra na ideia da igualdade e da comunicação entre os diferentes. Para ele somente o diálogo e a conversa civilizada poderão trazer contribuições à educação. O reconhecimento e o respeito às diferentes opiniões e o reconhecimento das diferentes experiências fortalece a pessoa do professor. “Levando isso em conta, extraímos da posição de Bauman o seguinte imperativo para a educação escolarizada na sociedade líquida: conversar ou perecer”.<sup>16</sup> Essa ideia da disposição para o diálogo diminui as diferenças, ajuda aos educadores alcançar entendimento mútuo, a prosseguir diante de tais diferenças entendendo que os “outros” podem e têm o direito de trilhar caminhos diferentes.

Quero apresentar ainda outro conceito interessante que é sobre os que legislam a educação (os teóricos) e os que a interpretam (os professores). A estes dois personagens da educação ele chama de Razão legisladora e Razão interpretativa. A boa comunicação entre esses dois segmentos se dá por meio da disponibilidade tanto de um quanto do outro de aprender uns com os outros interpretando suas falas. Neste sentido, recorda um autor chamado Goodson e sua proposta de dar atenção à “Voz do professor”, condição essencial para o bom diálogo no tempo líquido. Para Bauman o tempo da ordem não se preocupava em desvelar o que acontecia em sala de aula onde os professores “produziam suas práticas, mas, também tinham suas vidas produzidas por ela”.<sup>17</sup> Hoje encontramos muitas pesquisas nessa área.

#### 4. COMO TRABALHAR EM TEMPOS DE MUDANÇAS?

1. Focar a ajuda no professor e não nos interesses de um e outro

2. Convencer o professor de que a mudança é boa superando os interesses de uns e outros

3. Revelar as dificuldades em relação a mudanças ao invés de permanecer calados.

Tais dificuldades estão claras na educação brasileira e mais ainda na educação cristã. Alguns legisladores há muito tempo nos mostraram o que fazer e como fazer, mas não se preocuparam em nos dizer por quê. Eles não têm culpa disso, pelo menos não agora, mas nós temos de admitir que nosso silêncio já completa mais de um século e agora é mais do que tempo e hora de se falar sobre isso.

Bauman nos convoca a, mais do que legislar e trazer reformas, a “questionar a

<sup>16</sup> ALMEIDA et al., 2009, p. 56.

<sup>17</sup> ALMEIDA et al., 2009, p. 59.

própria validade das prescrições em um mundo em mudança, líquido”.<sup>18</sup> O futuro está “em aberto”, diz Bauman, e se está em aberto é hora de nos colocarmos como educadores, como educadores cristãos, a preencher lacunas que temos nos sistemas educacionais em nossas igrejas.

## 5. DESAFIOS E DILEMAS EDUCACIONAIS NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Bauman levanta um questionamento da educação para toda vida, conceito advindo dos quatro pilares para a educação do século XXI no famoso documento de Jacques Delors. Faz referência à modernidade sólida como que trazendo à educação valores permanentes e de longa duração. Fala também de um mundo fora da escola muito diferente do universo escolar tão calcado na modernidade sólida e tão diferente da modernidade líquida. Para Almeida et al (2009) existem algumas maneiras de interpretar, segundo Bauman, a educação para toda vida. A modernidade sólida, priorizando a durabilidade e a ordem, passa pela tempestiva modernidade líquida onde impera a fluidez. A perpetuação não encontra mais espaço. Diz assim Almeida:

A formação é impensável de qualquer outra forma que não seja uma re formação permanente e eternamente inconclusa, pois a sociedade contemporânea (sociedade de consumidores) tem destronado, em proporções nunca vistas antes, a duração, e situado o valor da fugacidade, da rapidez, do excesso e do desperdício em nível superior à durabilidade e à permanência. O consumismo que caracteriza os processos de individuação na modernidade atual não visa o acúmulo de conhecimento, mas o gozo fugaz que eles propiciam.<sup>19</sup>

Seguir a “rotina” não é uma boa opção no mundo líquido. O autor afirma que “abandonar os hábitos do presente com rapidez torna-se ainda mais importante do que a aprendizagem de novos hábitos”.<sup>20</sup> Vale dizer que a educação por toda vida exige um constante repensar, uma constante atualização com o mundo presente. Para Bauman o conhecimento chega a ser “descartável e bom apenas até segunda ordem e só temporariamente útil, palavras retiradas de sua obra *Vida líquida* (2007, p. 154). A crítica de Bauman pela educação por toda vida foca as políticas públicas e o bem-estar da humanidade permitindo o acesso de todos à educação, para que tal acesso não privilegie somente alguns.

<sup>18</sup> ALMEIDA et al., 2009, p. 60.

<sup>19</sup> ALMEIDA et al., 2009, p. 66.

<sup>20</sup> ALMEIDA et al., 2009, p. 67.



Os estudos de Veiga Neto (apud ALMEIDA, 2009) sobre currículo focam as transformações que vêm acontecendo e que caracterizam o mundo contemporâneo. A escola transita de um modelo marcado pela disciplina, pela ordem, pelo controle, a um modelo em que se destaca a liquidez moderna. Veiga entende que esta escola moderna sólida visava a

formação de indivíduos (e corpos) dóceis, fixos, unos, indivisíveis, centrados e ordenados, a organização escolar moderno-líquida visa à formação de sujeitos (e corpos) líquidos, flexíveis, dinâmicos, fragmentados e múltiplos, mas aptos a lidar com a incerteza, a velocidade e a mobilidade da vida contemporânea.<sup>21</sup>

A argumentação do autor é que a formação vinda da modernidade sólida incute na mente do sujeito a submissão e o caracteriza como de “fácil manejo” porque “assumiu” e “automatizou” certas disposições mentais-corporais mais ou menos permanentes.<sup>22</sup>

O sujeito do mundo moderno líquido é mais flexível e mais pronto para mudanças. “A docilidade, por ser estável e de longa duração, é da ordem da solidez moderna: a flexibilidade por ser adaptativa, manhosa, é da ordem da liquidez pós-moderna”.<sup>23</sup> É preciso estar alerta, atento às condições que se apresentam hoje, de como a escola mudou, e neste sentido cabe a nós educadores cristãos pensarmos o quanto a sociedade está diferente e o quanto é importante para nós repensarmos os caminhos educacionais em nossas comunidades.

Os estudos de Marisa Costa sobre pedagogias culturais mostram como a escola está mergulhada no mundo atual com forte apelo ao consumo em que, por exemplo, super-heróis explicitamente colocados nas mochilas e nos cadernos das crianças formam e constituem um imaginário que efetivamente submete tais objetos de consumo ao subjetivismo das mesmas. A autora fala sobre “o poder e a modelagem das subjetividades pela cultura do consumismo e da mídia na era deslizante e fluida em que vivemos”.<sup>24</sup>

Para Costa a grande contribuição da sociologia de Bauman é a possibilidade de pensarmos o nosso tempo; é a possibilidade de enxergarmos novas versões, novas leituras, novas escutas de um tempo que parece tão desestruturado e tão sem bases, mas que, exatamente por nos deixar incomodados, nos leva à reflexão.

<sup>21</sup> NETO, apud ALMEIDA, 2009, p. 80.

<sup>22</sup> NETO, apud ALMEIDA, 2009, p. 80.

<sup>23</sup> NETO, apud ALMEIDA, 2009, p. 81.

<sup>24</sup> COSTA, apud ALMEIDA, 2009, p. 84.

## 6. DESAFIOS E DILEMAS PARA A EDUCAÇÃO CRISTÃ NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Os desafios para os líderes da Educação Cristã para hoje são muitos. Descrevê-los não é tarefa fácil, mas não impossível. Trazer receitas prontas seria o mesmo que voltar aos tempos sólidos. Em tempos líquidos é necessário buscar caminhos, abrir luzes e encontrar soluções adequadas. Cabe a nós educadores cristãos repensarmos o tempo presente. Repensarmos nossos modelos. Repensarmos a relação Igreja e Educação Cristã - quem é que dirige quem? Repensar o organismo, como diz Richards (1980), em lugar da organização.

Não vejo outra solução senão de nos abirmos para novas teorias de ensino, novas formas de ensinar, abandonando o que não está mais funcionando, revendo velhos hábitos e costumes se estes transformaram-se em rotinas e não mais atingem o coração do nosso povo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pr. Paulo Eduardo Gomes Vieira, pastor da Primeira Igreja Batista de São Paulo, no artigo cujo tema é “Permanente e transitório” (escrito para o *Jornal Comunhão* em setembro de 2013) enfoca que devoção e reflexão não são características contraditórias e afirma “Crer é também pensar” - conforme dizia John Stott.<sup>25</sup>

Com esse enfoque o autor nos leva a “viajar” um pouco no passado e no presente mencionando algumas características que ao longo do tempo têm sido transformadas quando falamos de igrejas. Por exemplo: a liturgia, a musicalidade, métodos de evangelismo, estratégias que marcam as igrejas em seus contextos sociais, e afirma estar muito feliz ao ver que a força que as move em direção a novas características é a promoção do evangelho de Cristo.

Entretanto, chama a nossa atenção a afirmativa do autor de que “fatores como o litúrgico, tipo de música predominante na adoração, métodos de ensino da Palavra, ou, num sentido mais amplo, a dinâmica eclesial, não devem ser tomados como indicadores do que é ou deve ser uma igreja batista”.<sup>26</sup>

A partir de então ele aponta o que realmente deveria ser discutido - o que é permanente e o que é transitório:

<sup>25</sup>VIEIRA, Paulo Eduardo. Permanente e transitório. *Jornal Comunhão*, ano 104, n. 07, set. 2013, p. 3.

<sup>26</sup>VIEIRA, 2013, p. 3.

Permanente	Transitório
A Palavra de Deus - jamais passará	Os métodos de ensino da Palavra
A adoração - que é dedicada única e exclusivamente ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo	São os perfis litúrgicos e os tipos de musicais adotados na adoração
Nossa seriedade bíblica e nossa solidez doutrinária	São os modelos eclesiais, que podem e devem ser dinâmicos e variados
Deve ser o sentido da cooperação	Devem ser as estruturas denominacionais que sempre precisam ser revisadas
Deve ser nossa absoluta dependência do poder de Deus para que a obra seja realizada	São os métodos que utilizamos para a realização da obra

Particularmente não aprecio o dito popular que afirma: “O futuro a Deus pertence”. Não que não creia na soberania de Deus, mas creio também que como feitura Sua, criados à imagem e semelhança do Pai, somos construtores da nossa história. Nós estamos fazendo a história do cristianismo, de nossa denominação, de nossas igrejas e da Educação cristã.

Que possamos afirmar: Passado, gratos por tudo. Futuro, estamos prontos! Queira Deus que sempre tenhamos o desejo de servir ao Senhor do Universo gratos pelo passado, atuando no presente e construindo para o futuro.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. **Bauman e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BOSI, Ecléia. **O tempo vivo da memória**. Cotia: Ateliê, 2003.

RICHARDS, Lawrence. **Teologia da educação cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1980.

VIEIRA, Paulo Eduardo. Permanente e transitório. **Jornal Comunhão**, ano 104, n. 07, set. 2013, p. 3.